

UMA “COLEÇÃO DE ARTEFATOS DA VIDA AMERICANA”: A HISTÓRIA COMO REPETIÇÃO EM HOMER & LANGLEY, DE E. L. DOCTOROW

Marcelo Cizaurre GUIRAU*

Universidade de São Paulo (Bolsista CNPQ)

cizaurre@yahoo.com

Resumo: Publicado em 2009, o romance *Homer & Langley*, de E. L. Doctorow, ficcionaliza a história dos irmãos Collyer, “acumuladores compulsivos” que morreram em 1947 deixando um rastro de objetos e perplexidades. No romance, Doctorow entra na casa dos Collyer e nos traz os pensamentos e a visão de mundo dos dois “eremitas do Harlem”, como eles ficaram conhecidos. No relato em primeira pessoa de Homer Collyer, o irmão cego, acompanhamos diversos momentos da história americana no século XX, que invadem a mansão dos irmãos em detrimento de seus esforços de isolamento. Langley formula uma curiosa filosofia da história, mas a sua “Teoria das substituições”, como ele a chama, é constantemente desafiada pelos eventos históricos que entram na vida dos dois reclusos nova-iorquinos. Tal teoria é, na realidade, síntese de uma “sombria visão de vida” (DOCTOROW, 2011, p. 62), em um século marcado por guerras e catástrofes. Nessa comunicação, mostraremos como esse romance de Doctorow parte do dado real sobre o acúmulo de objetos recolhidos da rua e depositados na casa por Langley Collyer para criar uma teoria da história como repetição que marca, no livro, a visão de mundo desse personagem. Estendendo a vida dos Collyer até a década de 1980, Doctorow faz com que os irmãos testemunhem alguns dos eventos mais importantes do século XX e assim temos um panorama da “era dos extremos” a partir da visão de dois personagens que buscavam no isolamento um refúgio.

Palavras-chave: romance norte-americano contemporâneo; E. L. Doctorow; romance histórico; literatura e história; século XX.

* Doutorando do programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Universidade de São Paulo sob a orientação da professora Maria Elisa Cevalco. Docente do Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

1. Os “eremitas do Harlem”

Homer & Langley, o mais recente romance de E. L. Doctorow, recria a história de dois irmãos que se enriqueceram em sua mansão na Quinta Avenida, em Nova Iorque, e lá viveram por décadas¹. O isolamento dos irmãos Homer e Langley Collyer rendeu-lhes o apelido de “eremitas do Harlem” (LIDZ, 2003, p. 1) e atraiu a curiosidade da cidade, alimentada também pelo hábito de Langley de recolher e guardar objetos diversos achados nas ruas de Nova York. Em suas excursões noturnas pelas ruas do bairro, ele recolhia objetos que, acumulados na casa de quatro andares, alcançaram um volume aproximado de 180 toneladas (LIDZ, 2003, p. 9), fato que determinou a decisão da prefeitura de Nova Iorque de demolir a mansão após a morte dos irmãos. Entre os objetos encontrados na casa, estão um Ford Modelo T, um bote (LIDZ, 2003, p. 13) e quatorze pianos (LIDZ, 2003, p. 15).

De origem rica, os irmãos Collyer estudaram na Universidade de Colúmbia e tiveram uma infância próspera, vivendo com os pais na mesma casa da Quinta Avenida que ficaria célebre. Com a morte dos pais, Homer e Langley começaram a se afastar do mundo. Homer, cego e paralisado, passava a maior parte do tempo em sua cama, enquanto seu irmão cuidava das batalhas da família com prefeitura, fornecedores de serviços e vizinhança.

Em 1947, os dois irmãos foram encontrados mortos em sua residência, depois de semanas de buscas entre as pilhas de jornais e objetos acumulados pelas décadas de andanças de Langley. Após denúncia anônima de que Homer estaria morto, bombeiros entraram na casa e enfrentaram as toneladas de objetos ali guardados até acharem o corpo. Impossibilitado de sair da cama e sem poder contar com a ajuda do irmão – já morto, como se constataria mais tarde – Homer morreu por inanição. Os bombeiros continuaram a retirar objetos da casa e, após semanas de serviço, encontraram o corpo de Langley embaixo de uma pilha de itens de sua coleção. Ele fora esmagado por toneladas de papel ao acionar uma das muitas armadilhas contra invasores que ele mesmo instalara. A partir de então, o nome “Collyer” passou a ser associado à compulsão por acumular objetos e deu nome a uma síndrome - a “síndrome dos irmãos Collyer”.

Os dois haviam se tornado celebridades involuntárias e a cidade se mobilizara em busca de Langley, desaparecido há semanas².

Outro fato inusitado da história dos Collyer é que, vivendo no coração da civilização industrial, os dois ermitões renunciaram a serviços considerados essenciais à vida em grandes centros urbanos, como o telefone (desligado em 1917 (LIDZ, 2003, p. 19)) e o fornecimento de gás e eletricidade, dispensado desde 1928 (LIDZ, 2003, p. 19). No romance, o contraste entre a vida rústica dos irmãos e a moderna metrópole na qual vivem ganha ênfase pelo deslocamento da casa para a frente do Central Park, região muito mais valorizada da Quinta

¹ Homer (morto aos 65 anos) e Langley (morto aos 61 anos) viveram na casa de número 2078 da Quinta Avenida de 1909 até 1947, ano em que morreram (LIDZ, 2003).

² O escritor Howard Fast observa, em artigo de jornal publicado na época, o fascínio dos seus contemporâneos pela história dos Collyer: “Durante 1947 - quando a Doutrina Americana foi lançada por Harry Truman, quando as pessoas tremiam diante do pensamento de guerra atômica, quando o Comitê de Atividades Não-americanas de Thomas-Rankin se tornou a inquisição moderna -, dois irmãos morreram em uma casa no Harlem e o povo americano quase esquece de tudo mais, e cada vez que abria seu jornal era para saber das últimas sobre Langley Collyer...” (FAST, 1947, p. 6)

Avenida do que o endereço verdadeiro dos Collyer³. Sem luz, gás e telefone e repleta de objetos recolhidos da rua por um de seus excêntricos moradores, a casa fictícia enfrenta a cidade com mais ousadia que a casa real.

2. Levados pelos ventos da história

Doctorow toma outras liberdades com os dados históricos sobre a vida dos irmãos Collyer. No romance, Homer e Langley vivem até a década de 80, o que permite que se trace, por meio da narração de Homer, um panorama do século XX americano. O livro chegou a ser descrito como “uma viagem caleidoscópica através dos Estados Unidos do século XX” (CIABATTARI, 2009).

Eventos históricos vão se sucedendo cronologicamente na narração. Praticamente não há páginas nesse livro em que o narrador não esteja remetendo o leitor a algum desses eventos ou comentando suas consequências na rotina da residência Collyer. A seguir, listo alguns dos fatos históricos presentes na narrativa, na ordem em que aparecem, a fim de demonstrar a abundância desses fatos no romance e sua sucessão cronológica no enredo:

- Chegada de levas de imigrantes europeus no começo do século XX
- Primeira Guerra Mundial
- Cinema mudo
- Lei Seca (anos 20) e mafiosos.
- Red Scare e deportação de imigrantes militantes de esquerda.
- Jazz
- Harlem Renaissance
- Depressão (anos 30)
- Ataque japonês à Pearl Harbor (1941)
- Perseguição do FBI aos japoneses que moram nos Estados Unidos e internação de muitos deles em campos de concentração.
- Participação americana na Segunda Guerra Mundial
- Holocausto
- Ataque nuclear ao Japão (1945)
- Desfile na Quinta Avenida em comemoração do “VJ Day” (Victory over Japan)
- Chegada da televisão
- Macarthismo (anos 50)
- Chegada do homem à Lua (1969)
- Guerra do Vietnam
- Movimento pacifista
- Movimento Hippie
- Guitarra elétrica e Rock'n'roll
- Marcha ao Pentágono (1967)
- Renúncia de Richard Nixon (1974)
- Suicídio em massa dos seguidores do Pastor Jim Jones, líder e fundador da Peoples Temple, na Guiana (1978)
- Assassinato, em El Salvador, de quatro freiras norte-americanas por militares que haviam sido treinados pela Cia (1980)

³ A casa verdadeira fica na esquina da rua 128° com a Quinta Avenida, a cerca de dezoito quarteirões do Central Park, que termina na rua 110°.

Fatos da história dos Estados Unidos no século XX se sucedem a cada página virada do romance. Mesmo distanciados do mundo por seu isolamento voluntário, Homer e Langley são afetados pelos ventos da história, que invadem sua casa à revelia dos seus esforços de separação. Homer comenta a chegada de objetos da Segunda Guerra Mundial comprados de veteranos por seu irmão: “Era como se os tempos soprassem através de nossa casa como um vento e essas fossem as coisas depositadas aqui pelos ventos da guerra⁴.” (DOCTOROW, 2011, p. 119). Doctorow, filósofo de formação, certamente conhece as Teses sobre o conceito de História de Walter Benjamin, o que nos autoriza a supor que a passagem acima faça referência à célebre tese de número 9, sobre o Anjo da História que, impelido por uma tempestade, não pode se deter sob a cadeia de ruínas que se desenrola diante de seus olhos⁵.

Assim, o refúgio dos Collyer vai, ao longo da narrativa, sendo invadido por acontecimentos históricos. Essa inserção involuntária da casa no fluxo da turbulenta história do século XX é observada pelo narrador: [era] “como se nossa casa não fosse nossa casa, mas uma estrada pela qual Langley e eu viajávamos como peregrinos⁶.” (DOCTOROW, 2011, p. 130).

3. A “Teoria das Substituições” de Langley: A História como repetição.

Concepções da História como repetição são formuladas por personagens de outros romances de Doctorow. Em *Ragtime* (1975), o Menino, provável narrador do romance, tinha o hábito de guardar “como uma preciosidade tudo o que era jogado fora⁷” (DOCTOROW, 2007, p. 104). Para ele, “era evidente que o mundo se compunha e recompunha sem parar, num infundável processo de insatisfação⁸” (DOCTOROW, 2007, p. 107). Ainda em *Ragtime*, John Pierpont Morgan revela, em inusitado diálogo com Henry Ford, sua crença na existência de padrões universais de repetição e ordem:

Suponhamos que eu lhe pudesse provar que existem padrões universais de ordem e repetição, que emprestam significado à atividade deste planeta. Suponhamos que pudesse demonstrar-lhe que o senhor é um instrumento, na era moderna, de tendências na identidade humana que confirmam a mais antiga sabedoria do mundo?⁹ (DOCTOROW, 2007, pp. 130-131).

⁴ No original: *It was as if the times blew through our house like a wind, and these were the things deposited here by the winds of war.*

⁵ “Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.” (BENJAMIN, 1994, p. 226)

⁶ No original: *...as if our house were not our house but a road on which Langley and I were traveling like pilgrims.*

⁷ No original: *The boy treasured anything discarded.* (DOCTOROW, 2007, p. 115)

⁸ No original: *It was evident to him that the world composed and recomposed itself constantly in an endless process of dissatisfaction.* (DOCTOROW, 2007, p. 118)

⁹ No original: *Suppose I could prove to you that there are universal patterns of order and repetition that give meaning to the activity of this planet. Suppose I could demonstrate that you yourself are an instrumentation in*

Em “O Livro de Daniel” (1971), um personagem tem em seu apartamento uma parede repleta de imagens, descrita assim pelo narrador:

Babe Ruth correndo entre as bases, Marlon Brando de bicicleta, Shirley Temple de sapatos de dança, FDR, um biquíni coberto com spray dourado, Marilyn Monroe na foto do calendário, Mickey Mouse, (...) Paul Robeson, (...) uma batalha aérea da Primeira Guerra Mundial, um grupo de sentenciados trabalhando numa estrada, (...) capas amarelas de “E o Vento Levou” (...), um poster de “A Morte do Caixeiro Viajante”, Elvis Presley jovem, um negro enforcado numa árvore, um branco vendendo maçãs a 5 cents...¹⁰ (DOCTOROW, 1971, p. 148)

Quando uma jornalista pergunta pelo título dessa obra, que ela descreve como uma colagem, o personagem responde: “TUDO O QUE VEIO ANTES DÁ NO MESMO”¹¹ (DOCTOROW, 1971, p. 149).

Em nenhuma outra obra de Doctorow, no entanto, uma teoria da História como repetição é desenvolvida de forma tão sistemática quanto em *Homer & Langley*. Tal teoria - chamada de “Teoria das Substituições” por Langley, seu criador - vai se desenvolvendo *pari passu* com o desenrolar violento e confuso da História presenciada e vivida pelos personagens no romance. O narrador nos informa dos passos na evolução da teoria de Langley, que chega a uma

...espécie metafísica de ideia da repetição ou recorrência dos acontecimentos da vida, as mesmas coisas acontecendo repetidamente, dado em especial os limites restritos da inteligência humana, sendo o Homo sapiens uma espécie que, em suas próprias palavras, não a tinha suficientemente. Portanto, o que se sabia do passado podia ser aplicado ao presente¹². (DOCTOROW, 2011, p. 58).

Já nas primeiras páginas do romance, vemos Langley retornando da Primeira Guerra Mundial com a saúde debilitada por um ataque de gás mostarda. Ao chegar em casa, descobre que seus pais haviam morrido num surto de gripe que atingiu a cidade. Enquanto ele sai para visitar os pais no cemitério, seu irmão fixa na parede o fuzil trazido da guerra, como um ato inaugural da coleção que os dois vão começar a constituir:

No dia em que Langley foi sozinho ao cemitério Woodlawn para visitar os túmulos de nossos pais, coloquei o fuzil Springfield sobre a lareira da sala de

our modern age of trends in human identity that affirm the oldest wisdom in the world. (DOCTOROW, 2007, pp. 147-148).

¹⁰ No original: *Babe Ruth running around the bases, Marlon Brando on his bike, Shirley Temple in her dancing shoes, FDR, a bikini sprayed with gold paint, Marilyn Monroe on her calendar, Mickey Mouse, (...) Paul Robeson, (...) a World War One dogfight, a chain gang working on the road, (...) browned book jackets of Gone with the wind (...), a Death of a Salesman poster, a young Elvis, a black man hanging from a tree, a white man selling apples for 5 cents –*

¹¹ No original: *EVERYTHING THAT CAME BEFORE IS ALL THE SAME!*

¹² No original: *...a metaphysical sort of idea of the repetition or recurrence of life events, the same things happening over and over, especially given the proscribed limits of human intelligence, Homo sapiens being a specie that, in his words, just didn't have enough. So that what you knew from the past could be applied to the present.*

visitas e lá ele ficou, quase a primeira peça na coleção de artefatos de nossa vida americana¹³ (DOCTOROW, 2011, p. 31).

Logo, um rifle M1 da Segunda Guerra será pendurado acima do fuzil Springfield como mais um item da “coleção de artefatos da vida americana” e como mais um argumento para a Teoria das Substituições de Langley. Tal teoria, é assim descrita por seu criador:

Tudo na vida é substituído. Nós somos os substitutos de nossos pais, assim como eles foram os substitutos da geração prévia. Todos esses rebanhos de bisões que estavam chacinando no Velho Oeste, seria de se esperar que fosse ser o fim deles, mas não serão todos abatidos e os rebanhos serão refeitos com substitutos indistinguíveis daqueles que foram mortos¹⁴ (DOCTOROW, 2011, p. 19).

Homer, o narrador cego, não adere imediatamente à Teoria das Substituições, que ele entende ser fruto da “amargura” ou do “desespero em relação à vida” (DOCTOROW, 2011, p. 21) de Langley. Tal Teoria é, para Homer, a maneira que seu irmão encontrou para “sintetizar sua sombria visão da vida” (DOCTOROW, 2011, p. 62). Inicialmente otimista e feliz, Homer vai gradativamente se aproximando do “desespero filosófico” (DOCTOROW, 2011, p. 161) de seu irmão. Os sucessivos conflitos e eventos trágicos do século vão minando a confiança de Homer. Quando a Guerra do Vietnam começa, Homer declara seu crescente pessimismo:

Claro que outra Guerra maldita havia surgido e era suficiente para erradicar quaisquer inibições residuais que eu pudesse ter. Não teria este país nada de excepcional, no fim das contas? Àquela altura da minha vida, eu estava, em espírito, mais próximo do desespero filosófico de Langley¹⁵ (DOCTOROW, 2011, p. 161).

Como ilustração de sua Teoria, Langley planeja criar um jornal em edição única que contemple toda a história do homem. Com essa “Edição Única Collyer para Todos os Tempos” (DOCTOROW, 2011, p. 115), Langley pretende “fixar a vida americana finalmente em uma edição, a que ele se referia como jornal Collyer sem data e eternamente atual, o único jornal de que alguém poderia necessitar¹⁶” (DOCTOROW, 2011, p. 60).

4. Conclusão:

Se Doctorow é, como Fredric Jameson o definiu, o “poeta épico do desaparecimento do passado radical americano” (JAMESON, 2006, p. 51), *Homer & Langley* é seu romance

¹³ No original: *On the day Langley went by himself up to the Woodlawn Cemetery to visit our parents' graves, I placed his Springfield rifle on the fireplace mantel in the drawing room and there it has stayed, almost the first piece in the collection of artifacts from our American life.*

¹⁴ No original: *Everything in life gets replaced. We are our parents' replacements just as they were replacements of the previous generation. All these herds of bison they are slaughtering out west, you would think that was the end of them, but they won't all be slaughtered and the herds will fill back in with replacements that will be indistinguishable from the ones slaughtered.*

¹⁵ No original: *Of course that another damnable war had sprung up was enough to strip away any residual inhibitions I may have had. Was this country unexceptional after all? I was at this point in my life as close in spirit to Langley's philosophical despair as I had ever been.*

¹⁶ No original: *He wanted to fix American life finally in one edition, what he called Collyer's eternally current dateless newspaper, the only newspaper anyone would ever need.*

mais pessimista. Nele, acompanhamos da casa dos irmãos Collyer uma sucessão de eventos trágicos que vão moldando a visão de mundo desencantada que esses personagens expressam de diversas formas: na Teoria das Substituições de Langley, no seu “desespero filosófico”, no crescente isolamento dos dois (nas últimas páginas do livro, os irmãos selam as janelas da casa com madeira e Homer passa a viver num quarto) e na gradual perda das ilusões do narrador.

Há, nesse romance, importantes questões de representação da História – tema recorrente nas obras de Doctorow – sugeridas pela figura do narrador cego, que vive trancado em casa e que gradualmente perde também a audição. Homer descreve o processo que o levou ao isolamento completo:

Se tivesse perdido o último sentido que me ligava ao mundo subitamente, eu teria gritado de horror e encontrado o modo mais rápido possível de dar cabo da minha vida. Mas me pegou gradualmente, permitindo-me graus progressivos de aceitação, com a esperança de que cada grau de perda seria o último, até que, no silêncio crescente de meu desespero, resolvi aceitar meu destino, tomado por um estranho impulso de descobrir como seria a vida quando meu ouvido tivesse sumido completamente e, sem visão ou som, eu só tivesse minha consciência para me divertir.¹⁷ (DOCTOROW, 2011, p. 199).

O conceito da História como repetição que move os projetos de Langley (o jornal em edição única para todos os tempos e a Teoria das Substituições) é constantemente desafiado pelos eventos históricos que vão surgindo com urgência e surpresa no enredo. A tensão entre o projeto de Langley de “fixar a vida americana” (DOCTOROW, 2011, p. 60) e os fatos do complexo século XX que não se deixam fixar, somada às questões de representação figuradas nos graus crescentes de perda da percepção do narrador monta uma equação que traduz formalmente alguns dos impasses do pensamento sobre a História hoje. A coleção de artefatos da vida americana que Homer e Langley reúnem em sua vida de observadores da História pede para ser compreendida, como se a vida dos Collyer fosse “um museu, embora com nossas riquezas ainda não catalogadas, a curadoria ainda por vir” (DOCTOROW, 2011, p. 199).

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

CIABATTARI, Jane. Amid The Rubbish, Doctorow Finds Meaning. NPR.org, September 04, 2009. <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=112447772> (Acesso em 11/11/2013)

¹⁷ No original: *If it had happened all of a sudden that I was to lose the last sense that connected me to the world, I would have screamed in terror and found some way as quickly as possible to end my life. But it came upon me gradually, allowing me progressive degrees of acceptance, with hope that every degree of loss would be the last, until, in the growing quiet of my despair, I resolved to accept my fate, having been taken by an odd impulse to find out what life would be like when my hearing was completely gone and, without sight or sound, I had only my own consciousness to amuse me.*

DOCTOROW, E. L. *Homer & Langley*. New York: Random House, 2010. Em português: *Homer & Langley*. Rio de Janeiro: Record, 2011. Tradução de Roberto Muggiati.

_____. *Ragtime*. New York: Random House, 2007. Em português: *Ragtime*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007. Tradução de A. Weissenberg.

_____. *The Book of Daniel*. New York: Random House, 2007. Em português: *O Livro de Daniel*. Rio de Janeiro: Record, 1971. Tradução de Áurea Weissenberg.

FAST, Howard. The World of Langley Collyer. In *The New Masses*, April 22, 1947, p. 6.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo – A lógica Cultural do Capitalismo Tardio. São Paulo: Ática, 2006. Tradução de Maria Elisa Cevalco.

LIDZ, Franz. *Ghostly Men - The Strange but True Story of the Collyer Brothers, New York's Greatest Hoarders*. New York: Bloomsbury, 2003.